

GALERIA REPUBLICANA

PROPRIETARIO — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — **Collaboradores:** — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Anselmo Xavier, Antonio Furtado, Costa Goodolphim, Gomes Leal, G. Benevides, José Jacintho Nunes, Nuno Alves Correia, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 2

1882

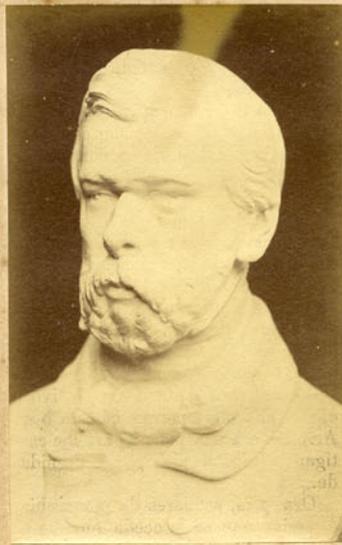
1.º anno

JOSE FELIX HENRIQUES NOGUEIRA

O illustre fundador da moderna democracia portugueza nasceu em 15 de janeiro de 1825, e morreu em 23 de janeiro de 1858; a sua vida está comprehendida entre estas duas datas, que abrangem a historia completa do regimen parlamentar em Portugal, nos seus dois periodos notaveis, o da violencia absolutista e *intimidação* cabralina, e o periodo da *corrupção* systematica das duas regenerações. Henriques Nogueira assistiu a todas essas monstruosidades em que a nação portugueza foi envolvida em uma cruenta guerra civil pelo exclusivo interesse da familia de Bragança, e recebendo por compensação de seus extraordinarios sacrificios e de ruinas sociaes a irrisoria restauração da Carta outorgada de 1826 e o restituir o throno á joven D. Maria da Gloria! A nação portugueza supportou o regimen da forca e do cacete, das enxovias, das deportações, dos confiscos, das emigrações, dos asedios, dos bombardeamentos, das fomes e pestes, lutou contra este ultimo reducto do absolutismo na peninsula personificado em Dom Miguel, mas não foi para conquistar a sua liberdade politica; D. Pedro IV entendeu que tudo isso fôra dedicado a restaurar a Carta de alforria que nos concedeu, reconhecendo-se rei de Portugal por graça de Deus, e a sua dynastia herdeira perpetua de nós todos. Por isso

quando findaram as batalhas heroicas do cerco do Porto e os liberaes entraram em Lisboa, a nação não foi convocada para uma Constituinte

mente cynica, que levantou em um grande numero de espiritos uma reacção formal contra a Carta outorgada de 1826, e foi pelo reconhecimento da soberania nacional, proclamada na Constituição de 1822, que espontaneamente rebentou a revolução de Setembro, na occasião do desembarque do deputado Manuel da Silva Passos para a legislatura de 1836. A revolução achou um apoio unanime em espiritos patrioticos, mas immediatamente se organizou o partido de estabilidade, um partido pessoal do paço, acobertado com o titulo de *Cartista*. Toda a historia constitucional consistiu em extinguir o partido septembrista, e com elle abafar esse pensamento da soberania da nação. D. Maria II tentou em 2 de Novembro d'esse mesmo anno de 1836 dar um golpe de estado, apoiando-se no corpo diplomatico; fugiu para o palacio de Belem para mais facilmente se refugiar na armada ingleza; fez desembarcar novecentos soldados inglezes, e por fim vendo que o partido da soberania nacional não se arreceiava das ameaças da embaixada da Inglaterra, prorompeu em lagrimas jurando a Constituição de 1822. A historia da monarchia constitucional foi um absolutismo mascarado com as fórmulas parlamentares, interrompidas com successivas suspensões de garantias, algumas d'ellas votadas por deputados como Alexandre Herculano, sincero cartista, e bibliothecario particular de Dom



JOSE FELIX HENRIQUES NOGUEIRA

para reorganisar-se em bases juridicas; D. Pedro IV morreu em 1834 no goso da dictadura, e o parlamento continuou em suas sessões ordinarias, como se a nação estivesse no goso das instituições fundadas em 1822! Foi esta situação evidente-

Fernando, que era o poder occulto d'estes pequenos golpes de estado.

A nação portugueza foi levada a um grande systema de violencia, e D. Maria II tratou logo de annullar essa constituição que lhe diminuia a prerogativa absoluta, fazendo com que o seu ministro Costa Cabral fosse em 1842 revolucionar a guarnição do Porto para operar a restauração da Carta outorgada. As repressões foram atrozes, as prisões constantes, as demissões desaforadas, e empregava-se um novo systema de violencia, a exação fiscal e a arbitrariedade administrativa. Ao systema cabralista, seguiu-se uma revolta militar em 1844, dos liberaes que haviam batallado com sinceridade pelas instituições constitucionaes; mas a rainha tinha do seu lado caudilhos destemidos como o duque da Terceira e Saldanha, e por isso tornava-se desesperada no seu despotismo. Por fim a nação moveu-se, deu signal do seu descontentamento em 1846, na celebre revolução da Maria da Fonte. Não se previa a profundidade d'aquelle movimento, e a rainha teve de submeter-se para d'ahi a mezes dar o novo golpe de estado de 6 de Outubro de 1846. O despotismo arrojara a mascara do constitucionalismo e apresentava-se na sua nudez; levantaram-se então varias Juntas revolucionarias em Santarem, em Coimbra, no Porto, no Algarve, e D. Maria II vendo as suas tropas batidas e prestes a ser-lhe infligida uma abdição, pediu auxilio aos estrangeiros, fez entrar um exercito hespanhol pela fronteira, e uma esquadra ingleza para occupar o Tejo, e a nação foi amordaçada á força em 1847, pela Convenção de Gramido á qual D. Maria II faltou immediatamente, provocando o novo movimento revolucionario de 1851, com a queda definitiva de Costa Cabral, com a iniciação do segundo periodo do Constitucionalismo fundado por Fonseca Magalhães. Era o periodo da *corrupção*; começou o jogo do papel de credito, das luvas dos emprestimos, das operações financeiras, do fomento dos melhoramentos materiaes, das fundações bancarias; era um Pactolo. A nação até ahí vivera na miseria, sem estradas, sem industria, sem lei civil, sem garantias politicas. Magalhães accetára como ministro do gabinete da Regeneração o joven Fontes Pereira de Mello, filho do ministro que se submetera á embuscada de 6 de Outubro, e elle mesmo official do estado maior de Saldanha na campanha contra a nação em 1847. Por isso D. Maria II nas suas ordens á imprensa cartista, dizia em um bilhete particu-

lar: «*É preciso que cesse a guerra ao Fontes. Tem qualidades que deixam ver um homem de merecimento.*» N'este bilhete está a historia completa do estadista que se tornou o chefe da segunda regeneração, e de quem a dynastia de Bragança fez o seu Calonne.

Foi através de todas as falsificações do constitucionalismo, onde o parlamento foi exclusivamente formado pela candidatura official, e os ministerios caíram sempre pela vontade do paço, que José Felix Henriques Nogueira, como o grito de uma consciencia pura, reconheceu que Portugal precisava reorganizar-se pela Republica. Vê-se que esta ideia não era o resultado da simples illustração do seu espirito, era a consequencia pratica emergente do meio, da dissolução em que nos afundava a monarchia. A aspiração de Henriques Nogueira ter-se-ia realiado pouco depois de 1851, se um desastre para a civilização europêa não viesse atrazar o desenvolvimento da democracia. A Republica franceza de 1848 foi atraída pelo seu presidente o abjecto Bonaparte, que se proclamou Napoleão III. Todas as côrtes da Europa foram sollicitas em reconhecer a soberania do traidor, porque assim extinguíam esse foco da democracia. Os espiritos que se reuniram em volta de Henriques Nogueira, abandonaram-n'o e vieram bandear-se nos grupos monarchicos para explorarem o valimento do paço e illudirem a nação portugueza. Henriques Nogueira continuou o seu trabalho na propaganda scientifica e popular, nos seus *Estudos sobre a reforma, Municipio no seculo XIX, Catecismo democratico, e Almanachs democratico e do Cultivador*. O attentado contra a nação feito por D. Maria II chamando uma intervenção armada estrangeira para abafar as reclamações das suas garantias, pareceu-lhe o ultimo gráo de abjecção a que pôde ser levado um povo; pensou n'essa vergonha de um paiz aviltado, esmagado, e foi então que teve a sublime ideia da *Federação* dos povos peninsulares, como meio de garantir a autonomia dos pequenos estados. As unificações dos Estados peninsulares fizeram-se pelas violencias sanguinarias de Fernando e Izabel, de Carlos V e de Philippe II, mas apesar de tantos seculos de centralismo, as differenças persistem na propria divisão das provincias da organização administrativa actual, persistem nas differenças dialectaes, e até nas formas da industria fabril e agricola, e nos contractos, como o provam Pi y Margall, Tubino, Firmin Caballero e tantos outros. Portugal é o typo do estado

livre peninsular, mais povoado e civilizado de qualquer dos Estados hespanhoes unificados pela centralização monarchica. Pela federação d'esses Estados nunca mais serão possiveis os attentados contra a nossa autonomia. A ideia da Federação peninsular, sustentada por eminentes publicistas como Charriere, Sismondi e Laveley, foi confundida por intuito de desorientar os espiritos com o iberismo. Henriques Nogueira proseguiu nos seus estudos, e chegou a indicar os caminhos para a realização da liberdade pela associação local, pelo municipalismo, e a descrever os elementos d'esse federalismo. Parece-nos estar lendo uma pagina de Carey. A morte repentina de Henriques Nogueira em 1858, attribuida a veneno traçoero, não o deixou assistir a esse attentado de Charles e George, praticado pelo imperio do traidor Napoleão contra esta ultrajada nacionalidade. E se tivesse vivido mais tempo teria assistido a maiores torpezas como o tratado de Goa e o tratado de Lourenço Marques, para talvez morrer com a vergonha de ser portuguez!

THEOPHILO BRAGA.

IMPRESSÕES

DA

NOITE DE 22 DE JANEIRO

(Dedicado ao Club Henriques Nogueira)

Noite, noite de festa! O aroma de mil flores,
Eó tinham para nós encantos, seduções!
O brilho dos cristaes, das luzes os fulgores
Faziam-nos sentir suaves sensações!

Noite, noite de festa! Ah, n'aquellas salias
O vivo entusiasmo em risos se traduz!
Era o templo da Ideia, apresentando gallias
— Um templo sem altar, sem Christo n'uma cruz!

Nem os santos de pau ca vi no novo templo...
Mas em moldura d'ouro estava o justo, o bom;
O vulto que morreu, deixando um bello exemplo
De viver para o bem: de ter tão alto dom!

Nem rezas em latin, nem se queimava incenso
Aos «venerandos» pés d'um padre malfeitor!
Prestava-se porém, um culto, um preito immenso
A quem a patria sua, amára com ardor!

Ah, oravam só os homens que na liza
Em prol da Humanidade esperam triumphar,
Jam todos render homenagens, justiça
Ao nobre defensor da causa popular!

Noite, noite de festa! Ah! quantas, quantas almas
Ainda estão sentindo as dozes impressões
Que em todas despertou o estrondar das palmas,
Dos bravos o fervor, as justas sandações!

Glorificou o Mestre a sã democracia;
Na senda do Porvir deu já um passo mais!
No entanto ella, a vetusta, a debil monarchia,
Escuta bem de perto os dozes funeraes!

A guerra como um effeito da lucta pela existencia

Nos tempos primitivos a guerra não foi realmente senão uma consequencia inevitavel do conflicto vital.

O homem no meio de animaes ferozes que entravam com elle em concorrência e faltando-lhe os meios de subsistencia indispensaveis, via-se forçado a luctar, a combater a natureza, quer para se defender, quer para adquirir alimentos. A necessidade da conservação individual arrastava-o fatalmente á lucta pela vida. Quando os alimentos escasseavam tinha de disputal-os ao seu semelhante o que de certo não seria raro; pois que só mais tarde é que o homem aprendeu a domesticar os animaes, a reunil-os em rebanhos e a cultivar o solo. Os estados pastorral e agricola marcam evidentemente um grau notavel de adiantamento e são de certo filhos das frequentes e desoladoras carestias a que os selvagens primitivos estavam sujeitos.

A população, segundo a lei de Malthus, cresce na razão geometrica em quanto a subsistencia cresce na razão arithmetica. Em condições favoraveis a população augmenta rapidamente, em vinte e cinco annos pôde mesmo duplicar-se; ao passo que a subsistencia tem muito mais difficuldade em augmentar e não corresponde ao desenvolvimento natural da população. Dá-se por tanto o conflicto, e a eliminação dos individuos superfluos effectua-se pela miseria, pelas pestes e doenças contagiosas, e principalmente pelas guerras. É o que vemos nas antigas sociedades.

Por essas poucas palavras vê-se que a guerra foi uma consequencia do conflicto vital, dando o caracter predominante aos povos da antiguidade prehistorica como se prova pela descoberta de lanças e machados de sílex e de bronze, e da antiguidade historica, como se conhece pela historia do Egypto, Phenicia, Judea, Chaldaea, Grecia e Roma.

TEIXEIRA BASTOS.

RUMORES...

Escutam-se uns rumores subterraneos, Como que do trabalho de mineiros, Talvez o ecco dos gigantes crancos Dos Videntes, dos Bons, dos Justicheiros.

É de certo, a celenma mysteriosa Dos que buscam tirar da Sombra a Luz: A vaga, a ignota, a sonoroza Cousa Que assombra o Mal que o povo ao Erro induz.

Os vermes sensuaes do vil monturo — Os Cesares e os Despotas ruins, Que hão-de ver abrir o atrio do Futuro Embriagados á mesa dos festins.

Os videntes ajuntam nos espaços, Como se foram letras invisiveis Os signaes que esses sons incognosciveis Lá vão gravar em luminosos traços.

Ser — como n'uma synthese d'estrellas — O povo pôde alli na immensidão, Estas palavras sãs, profundas, bellas: LIBERDADE, DIREITO, REVOLUÇÃO!

Um Codigo sagrado, um Evangelho.

Mas... crescem os metallicos rumores... — Ah! fugi, pois, ó fulgidos senhores, Sustentaculos vãos d'um mundo velho!

XAVIER DE PAIVA.

OS ULTIMOS ARRANCOS DA MONARCHIA

Com o caminhar dos tempos, tem-se desvanecido no animo dos povos, esse amor idiota e servil pelas monarchias.

Os celebres tempos do feudalismo de ha muito que passaram, com a sua queda tremeram nos seus aureos thronos os Alexandres e os Cesares.

Os povos vão finalmente comprehendendo quaes os seus direitos e deveres, e esforçam-se por destruir a ignominiosa cadeia que por tantos seculos os tem trazido constantemente prezos a essas caducas instituições, a que dão o nome de — monarchias.

O reinado dos despotas c'rôados está prestes a expirar.

Pôdem muito embora os reis de Italia e Austria darem-se rendez-vous, afim de combinarem o melhor meio de imporem o silencio á onda revolucionaria que está a ponto de invadir a Italia. Pôde o soberbo e astuto príncipe de Bismark, querer impor-se ao povo allemão.

Pôdem os inglezes continuar a opprimir os irlandezes, e os monarchas da peninsula combinarem a União Iberica, para d'esta forma subjugarem os republicanos d'uma e outra nação.

Loucos monarchas! Mil vezes visionarios! as grandes ideias não fenecem, as causas nobres e justas triumpham sempre, e nenhuma ha mais justa que a emancipação dos povos.

Portanto desenganai-vos, homens incredulos que ainda existis; todas essas entrevistas, todos esses festejos loucos e dispendiosos, que acabais de presenciar são inquestionavelmente — os ultimos arrancos das monarchias.

ALFREDO FREIRE

CHRONICA

A chronica da quinzena registra d'esta vez com profunda magoa o passamento do seu illustre collaborador, escriptor distinctissimo e poeta laureado. Xavier de Paiva era um moço de talento, um republicano sincero e patriota d'antes quebrar que torcer. Hoje mesmo a *Galeria Republicana* honra-se extremamente em publicar uma poesia, devida ao seu estro brilhante e que por elle mesmo fôra enviada a esta redacção. Mal sabia por essa occasião o ex-redactor da *Voz do Operario*, que, á inserção d'esse seu ultimo trabalho na *Galeria*, já elle não havia de sobreviver.

Xavier de Paiva foi collaborador do *Serrote*; do *Sorvete* onde publicou uma poesia intitulada — *O papado*; da *Justiça Portugueza*, e redactor da *Voz do Operario*. Collaborou em quasi todas as publicações do centenario de Camões e por essa occasião appareceu d'elle um drama de grande e incontestado merecimento — *Camões em Ceuta*. Tambem o *Seculo* se honrou, publicando-lhe uma poesia, que bem revelava o pulso do brios combatente — *O jesuita*. Ultimamente Xavier de Paiva. um obreiro incansavel do progresso e um propagandista infatigavel dos principios republicanos, tinha encetado com geral applauso e com os melhores auspicios um importante trabalho, pratico e utilissimo — *Encyclopedia Republicana*.

Sentimos profundamente este doloroso acontecimento, que encheu de lucto todos os amigos do finado moço, que eram muitos e todos os bons e sinceros republicanos, que somos todos nós, os que produzimos, os que trabalhamos e os que somos explorados e infamados.

Paz a esse espirito brilhante, a essa consciencia elevada!

* **

Leitor-amigo: — O nosso desejo seria fallar-te agora do mercado de S. Bento, da visita regia e *tutti-quant*; mas falta-nos o espaço...

Uma cousa porém, não deixarei passar desaperecebida. Sabes o que significaram as ultimas festas castelhanas? Uma alliança de dois reis, contra o que desse e viesse, isto é, contra a republica. A França faz cocegas a estas ultimas magestades, e ellas então para garantir a sua existencia e a das suas familias e das suas dynastias em decadencia começam a alliar-se contra os povos, em proveito proprio. Deixal-as lá! O progresso vale mais do que tudo isso; e quando menos se precaverem

os reis voarão pelo ar, como uma bola de sabão, que se desfaz. E não farão falta por certo, nem a moralidade publica perderá com isso — antes ganhará e muito. A queda da realza até se torna necessaria, quando menos, como uma questão de hygiene...

**

A proposito: — Os republicanos praticaram um feito illustre, inaugurando em Belem um centro, nas proximidades do palacio da Ajuda, justamente no dia em que as duas realzas da península folgavam em festa taumachica. Nada mais logico e correcto. É assim que um partido de combate se affirma no campo pratico.

Presidiu a essa reunião o nosso dedicado correligionario Silverio Antonio Pereira, e oraram os srs. drs. Manuel d'Arriaga, Augusto de Figueiredo e Magalhães Lima.

Aos republicanos de Belem as nossas felicitações mais sinceras.

**

O *Club Henriques Nogueira* commemorou no dia 22 do corrente o seu primeiro anniversario e o 24.º da morte do insigne patriota José Felix Henriques Nogueira. Foi uma festa realmente esplendida, e das mais imponentes a que temos assistido. As salas estavam deliciosamente adornadas de luzes e flores, e muitas senhoras abrilhantaram este acto com a sua presença. Era indiscriptivel o entusiasmo que recebia os oradores que foram o seu presidente Silva Lisboa, dr. Manuel d'Arriaga, Sousa Brandão, Gomes Leal, Theophilo Braga, Magalhães Lima, dr. Jacintho Nunes e depois os acclamou com vivas phreneticos, unanimes, calorosos e espontaneos.

É assim que se commemora um nome tão illustre como aquelle, trabalhando para que a republica se proclame em Portugal com a possivel brevidade.

**

Resta-nos ainda fallar d'uma outra festa, não menos importante, pela sua altissima significação moral — a inauguração de uma escola na *Associação eleitoral e escolar Pinto Ribeiro*. A concorrência enorme, o contentamento, que transluzia em todas as physionomias, intraduzivel. Era aquella a festa da sciencia e do trabalho. Sabiam-n'o todos os socios d'aquella casa, e por isso se esmeraram em promover uma festa admiravel e deliciosa, onde a fé e o entusiasmo reinaram por igual e por

igual corresponderam á expectativa dos que tiveram o prazer de assistir áquella reunião. Presidiu e orou com extremo bom senso e profundos conhecimentos praticos o sr. Casimiro Freire. Depois tomaram a palavra no meio do maior entusiasmo os drs. Theophilo Braga, Magalhães Lima, Consiglieri Pedroso, Jacintho Nunes, Sabino de Sousa, Augusto de Figueiredo, Balção e Antonio Maria Monteiro.

Á *Associação escolar Pinto Ribeiro* o nosso reconhecimento e o nosso voto sincero pela sua prosperidade, que a merece e muito.

SILVIO.

MONARCHIA E REPUBLICA

Monarchia é o algoz dos povos opprimidos;
É monstro d'onde nasce o vicio e a corrupção;
É protectora, é mãe dos grandes, dos bandidos;
É opprobrio, é ruína, é o mal d'uma nação!

Republica é a luz, é o sol da Humanidade;
É a synthese do bem, da justiça e do amor;
É d'ella que nos vem a santa Liberdade;
Dos povos é fanal, é guia salvador!

22 — 1] — 82.

REKKAREDO.

NOTAS DEMOCRATICAS

Sob esta epigraphe, abrimos na *Galeria Republicana*, uma secção destinada a registrar os factos de maior vulto que succedem durante o mez e que se prenderem com o desenvolvimento do partido republicano entre nós. Luctamos com a falta de espaço e por isso limitar-nos hemos simplesmente a consignal-os em breves palavras.

— Com o anno novo o partido republicano conta em Lisboa tres folhas diarias: *O Seculo*, *A Folha do Povo* e a *Democracia Portuguesa*; e no Porto uma, *A Folha Nova*. Além d'estes jornaes temos mais em Lisboa *O Noventa e Trez*, *A Liberdade* e a *Encyclopedica Republicana*; no Porto: *A Justiça Portuguesa*. Em Coimbra uns rapazes cheios de talento e de entusiasmo pelas ideias modernas publicam o semanario: *A Evolução* a cuja redacção preside um criterio scientifico; em Villa Real o nosso firme correligionario Augusto Cesar continúa com a publicação do *Transmontano*, o decano dos jornaes republicanos portuguezes; e na ilha de S. Miguel, *A Republica Federal*, orgão do *Centro Republicano Federal*, de Ponta-Delgada prosegue na propaganda que tem dado excellentes resultados no archipelago açoriano.

— Os nossos correligionarios tambem têm n'este anno os seus almanachs, pois como sabem estão desde muito á venda: *O Almanach Republicano* (8.º anno), *Almanach do Trinta* (3.º anno) e o *Almanach do Seculo* (1.º anno). Estes livrinhos além de conterem as especies que lhes são proprias, trazem todos uma collecção de artigos de propaganda, assignados pelos nossos mais distinctos escriptores.

— Os centros republicanos que se multiplicam incessantemente por todos os pontos do paiz, celebram n'esta epocha ses-

sões para a eleição dos corpos gerentes que hão-de presidir aos seus trabalhos e alguns d'elles abrem, para os seus associados, escolas de instrucção primaria pelo methodo *João de Deus*, como o fez o *Club Razão e Justiça*, de Alcantara, na noite de 2 do corrente e a *Associação escolar eleitoral Pinto Ribeiro*, na de 22. O centro que assim procede, entendemos nós que tem uma elevada comprehensão do seu mister, e devemos todos esforçarmo-nos para que os restantes sigam este exemplo; sabemos de mais alguns que o vão fazer.

— A' vista do espantoso incremento que o partido republicano vae tomando entre nós, e que já absorve seriamente as atenções não só d'aquelles que o promovem, mas até dos contrarios que ousam tentar reprimil-o, todos lamentam a ausencia d'um directorio composto dos seus homens de mais capacidade e dos mais activos: existe uma commissão a quem foi cometido o encargo dos preliminares para a formação d'esse directorio; que ella se desempenhe d'elle o mais breve e o mais sensatamente possível, é o que todos devemos desejar.

— Constituiu-se mais um centro republicano em Belem e na inauguração do qual fallaram os srs. Magalhães Lima, e Manuel de Arriaga, e Augusto de Figueiredo.

— A *Galeria Republicana*, commemora tambem o 24.º anniversario da morte do eminente cidadão e convicto republicano, José Felix Henriques Nogueira, publicando o seu retrato e um artigo do dr. Theophilo Braga. Associa-se d'este modo á manifestação que o *Club Henriques Nogueira* e a democracia portugueza fizeram em honra do fundador das verdadeiras doutrinas republicanas em Portugal.

— Acompanhamos o nosso distincto collega *Silvio* na sua manifestação de pesar pela prematura morte de Xavier de Paiva.

Janeiro de 1882.

A. F.

EXPEDIENTE

Condições da assignatura

LISBOA

Trimestre ou 6 numeros..... 240
Semestre ou 12 numeros..... 480

PROVINCIAS E ILHAS

Semestre ou 12 numeros..... 500
Anno ou 24 numeros..... 13000

PARA O ESTRANGEIRO

Acresce o porte do correio.

BRAZIL

Anno ou 24 numeros, moeda forte. 23400
Avulso 50 réis, e 15 dias depois da publicação 100 réis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, sem o qual não se satisfaz pedido algum.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador e proprietario da GALERIA REPUBLICANA, João José Baptista, kiosque do Rocio (lado norte) Lisboa.

No proximo numero damos o retrato do dr. Anselmo Xavier.